

A FOLHA

Nova Iguaçu, 6 de outubro de 1974

O japonês foi encontrado de arma na mão

Neste nosso mundo que não gosta de compromissos definitivos, ganhou notoriedade internacional o soldado japonês que ainda estava lutando, nas selvas da Malásia, a guerra que terminou em 1945. Alimentado com frutas do mato, raízes e folhas ou atacando aldeias a fim de conseguir roupas e comida, o soldado fiel permaneceu mais de trinta anos de arma na mão, defendendo o imperador e a honra nacional, porque havia recebido a missão e nenhum oficial superior chegara para rendê-lo. Levado para a pátria, foi recebido em triunfo e condecorado pelo imperador como patrono do exército japonês e modelo da fidelidade que não conhece limites.

Assediado pela multidão de jornalistas entrevistadores, o mais singular em todas as declarações do soldado fiel foi a total ausência de presunção ou consciência de ter feito grande coisa: seu destacamento recebeu a missão, na missão todos morreram fora ele, apenas cumpriu o dever e executou ordens recebidas. E ficaria no posto até o fim, até que alguém do comando aparecesse para mandá-lo baixinho ao Brasil. Trinta anos da juventude são a própria vida e lá estava a fotografia do homem envelhecido e desgastado no exercício da fidelidade na causa à qual dedicou toda a vida. A seu modo, este homem definiu a vida humana no que ela tem de mais positivo e profundo.

O evangelho conta hoje uma parábola de patrão e empregado, para cujo melhor entendimento é preciso nos reportarmos àqueles tempos pré-cristãos, quando ainda não havia leis trabalhistas de defesa dos empregados. Naquele contexto, o servo era quase sempre propriedade do senhor. Historiadores contam que, na antiga Roma, aconteceram fatos de senhores massacrarem escravos só para descarregar mau humor. No relacionamento servo/patrão não

existiam direitos e portanto também não reivindicava direitos. Papel do servo era servir ao senhor e não esperar nada. Ou, como pergunta Cristo no evangelho: «O patrão deverá favor ao servo só porque ele fez o que lhe foi ordenado?»

Cristo aproveita o contexto de relacionamento servo/patrão para dar uma lição sobre o relacionamento homem/Deus. A verdade da parábola que imediatamente salta aos olhos e realmente constitui profunda lição de vida cristã é esta: Toda a nossa mentalidade de merecimento tem que ser abandonada no relacionamento com Deus. O trabalho do servo pertence ao senhor e não é mais que seu dever. Nada do que ele faz constitui exigência de gratidão ou coloca o senhor em dívida. Os servos de Deus não podem comprar sua aprovação nem torná-lo obrigado. Servos indignos não significa servos inúteis: o melhor serviço não é mais que direito de Deus, uma vez que não lhe acrescenta nada que já não seja seu.

A lição vai de encontro a toda uma mentalidade nossa estabelecida de barganha com Deus. *Recompensa* é uma das palavras mais usadas na pregação religiosa. Durante talvez séculos, ficamos tratando com um *Deus* que se encontra atrás de um balcão. Toda uma série de «moedas fortes» foi organizada para pagarmos a mercadoria de Deus. Para muitos cristãos, ainda hoje, o primeiro gesto quando se fala em igreja é meter a mão no bolso quando, na verdade, o gesto certo seria meter mãos à obra: receber a ordem do dia, despregar-se do infantilismo de ganhar presentinhos, guardar a esperança da visão que se aproxima, forçar com o trabalho a que ela chegue mais depressa, as armas da fé nas mãos, aguardando no posto que o Senhor chegue para render-nos.

CATABIS & CATACRESES

No São Paulo "Locomotiva" 70% de crianças desnutridas

1. De São Paulo-Capital (Visão 22-07-74) onde a Secretaria de Educação da prefeitura verificou que em certos casos o índice de reprovação chega a 70% nas escolas primárias: "As causas para o fenômeno estão nas carências sócio-econômicas e culturais de pais e alunos — desde subnutrição até ausência de conceitos e inabilidade motora — que antecipadamente marginalizam as crianças do processo de aprendizagem". E no resto do Brasil, ó dileto Brasilino?

2. O "Diário de Notícias", do Rio, que já conheceu longo período de decadência depois de grande brilhantismo, passou a novo dono: jornalista Olímpio Campos. O qual anuncia "volta às origens" e novo surto de brilhantismo, com reformas e o mais (cf. Veja 24-07-74 e imprensa diária). Advertência: O "Correio da Manhã" e "O Jornal" subiram, decaíram, anunciaram planos mirabolantes de renovação e foi o que se viu: ambos os dois entraram pelo cano. Antes da morte, visita da saúde?

3. Do ilustre Zózimo na sua respectiva coluna (Jornal do Brasil, 23-07-74): "A sentença é de Saint-Laurent: A alta costura tem apenas mais sete anos de vida". Meu Deus, e a soquete como é que vai-se vestir? Mais essa cadeia de infortúnios para a desamparada classe.

4. O incrível na manchete de primeira página (Jornal do Brasil, 25-07-74): "Brasil compra à URSS quinhentas mil toneladas de petróleo". E a TFP não diz nada contra mais essa manobra do comunismo internacional?

5. Composição literária de "O Dia" (25-07-74), propriedade do último governador da Guanabara, o chagasfreitiano Dr. Antônio de Pádua, a propósito de aposentadoria e pensão para as donas-de-casa: "Na qualidade de mãe de família o papel que (a dona-de-casa) exerce no cotidiano doméstico é de fundamental importância do ponto de vista econômico, social, pedagógico e político". Eta subdesenvolvimento jornalístico. E por aí a fora, Brasilino!

6. Provérbio (parece que nordestino) pra bom entendedor: "Matapasto fulorado, inverno acabado".

IMAGEM NO RODOPIO DA EXISTÊNCIA

1. Com mil vezes praticada, sofisticada, aparentemente objetiva superficialidade, o digno repórter indaga entre graves e fúteis: «Que é que você pensa do casamento?» E o popular astro de TV, sempre sorridente e galã, contagiando simpatia estudada com toda naturalidade, transmite-se ao público leitor: que para mim casamento não é problema, problema é o amor. E desafia olímpico os casamentos civis (aqui e no exterior), religiosos (em várias religiões) que se fizeram e desfizeram, na inconstância dos amores.

2. E agora? Agora sim o amor definitivo, o amor eterno, com o casamento eterno. E olha para a popular atriz de TV e cinema, a qual também pensa pelo mesmo pensamento, olha com recíprocos olhares de ternura e eternidade e modelo para mil ouvidores, vendedores e leitores. Modelos e mestres. Filhos? Ambos os têm de frágeis amores já desfeitos. E agora? Se o amor precisar de nosso filho, sim, virá filho, virão filhos. Tudo depende do amor, não é, querida? não é, hem? Novos ternos olhares de eternidade recíproca.

3. E encerrado o tema do amor e casamento, com as definitivas respostas que lisonjeiam repórter, revista e soçaite, o digno repórter indaga os populares artistas sobre guerra e paz, sobre política nacional e internacional, sobre finanças e técnicas, sobre o possível e o impossível, sobre carreira artística e planos futuros, e a tudo respondem com segurança e graça, com popularidade e transparência, sem compromisso nem lei, sem Deus e sem problemas, tudo fácil, tudo bacana, tudo tão humano! Sim, tudo tão humano! (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

Abertura Política

Dinâmica do sistema — Esperanças e promessas de abertura — Distensão? — Os marginalizados — Distensão Igreja-Estado: parcela da distensão global.

A FOLHA:

Passados vários meses sobre a posse do Presidente Ernesto Geisel, o Sr. nota algumas modificações no relacionamento entre a Igreja e o Estado, mais precisamente: entre a Igreja e o sistema político instalado em 1964?

D. ADRIANO:

O sistema político instalado em 1964 teria de modificar-se de qualquer maneira, por sua mesma dinâmica interna. A Revolução de 64 queria preservar as instituições democráticas que via ameaçadas pelo Governo João Goulart. Partindo de outras premissas, cortou uma série de direitos/deveres democráticos e criou assim um tipo de sistema político que, sem ter as características todas de um regime ditatorial, não era democracia nem educou para a democracia. Militares e civis que realizaram a mudança de regime político foram, ao menos parcialmente, levados ao sabor dos acontecimentos. E por mais que procurassem, não conseguiram ainda com nitidez delinear o modelo político brasileiro, isto é: o modelo político que, aproveitando os dados básicos da democracia e os dados fundamentais de nossa pátria, seja o mais indicado para o desenvolvimento homogêneo e orgânico do povo brasileiro.

Tem havido esperanças de que o quarto presidente da Revolução consiga descobrir e implantar o novo modelo político brasileiro. Chegará a tanto? O ano de 1975 será de fato o ano da plena redemocratização do país em bases novas? Não perdemos nada em aguardar. Esperamos que as experiências dos 10 anos passados, que não custaram pouco aos verdadeiros democratas, se juntem à competência e autenticidade dos atuais mandatários, e daí saia o novo e ansiosamente esperado modelo político.

Voltando à pergunta, parece que tem havido esforço de melhorar o relacionamento entre a Igreja e o Estado. Já antes da posse houve sinais de uma abertura. Depois de março multiplicaram-se os sinais pelo menos de boa vontade, de respeito, de procura. O que dá margem a esperanças. Do que se sabe do Presidente Geisel, de sua formação, de sua sensatez, de seu equilíbrio, de sua honestidade, de sua coragem pessoal, de seus atos como presidente da Petrobrás e já agora como presidente da República, se pode esperar uma distensão e um melhor relacionamento entre a Igreja e o Estado.

Mas uma distensão, um relacionamento melhor, uma aproximação entre a Igreja e o Estado, por mais promessas que aí

se encontrem, será o que nós desejamos? será o que corresponde à situação global do país?

Quero crer que a missão profética da Igreja não se satisfaz com uma distensão no relacionamento Igreja-Estado, se não houver simultaneamente uma distensão total, isto é: se não houver um esforço de democratização e assim de absorção (no bom sentido) de todos os grandes setores da vida pública que têm sido marginalizados. Penso, por ex., nos operários. Não há paternalismo do Estado ou de empresários que satisfaça com justiça as ansiedades e angústias de uma classe que — está à vista de todos — vive esmagada por uma ordem social injusta. Sem a chance democrática de poderem reivindicar por seus órgãos legais, em plena liberdade, os seus direitos, o operariado (podemos falar também dos empregados em geral) viverá sempre marginalizado do processo social.

Não há concessões paternalistas que amenizem a dor dos párias sociais. Penso, por ex., na juventude em geral e nos estudantes em particular. Em todos os tempos e lugares os jovens sempre foram o elemento dinâmico da sociedade. Por sua mesma juventude que é explosão de ideais e de forças intocadas. Também por seus descompromissos com uma ordem tradicional, daí facilmente exposta à esclerose social, daí também provocadora do idealismo juvenil. É indiscutível que a juventude está marginalizada e ficará marginalizada, apesar dos apelos dos partidos políticos, dos ministros, do clero, etc., enquanto não tiver a chance (democrática) de atuar como juventude, isto é: sem compasso nem medida, sem regras nem normas, apenas por seu dinamismo interior, que, se pode errar (como de fato erra), pode também acertar, e de qualquer modo é o elemento dinâmico, renovador, criativo da comunidade. Poderíamos ainda citar os intelectuais, os políticos, também o clero.

Deixando outras idéias para depois, concluo: parece-me que a distensão entre Estado e Igreja só tem sentido como parcela de uma distensão geral.

A FOLHA

Ano 2 - 06 de outubro de 1974
Nº 121

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DA MISSA DOMINICAL

6 de outubro de 1974 — 27º domingo do tempo comum

Somos os pés e as mãos da Ação de Deus

Fé cristã não é ficar esperando por Deus mas assumir a história na consciência livre de homem adulto. Mas Cristo não mandou pedir tudo e pedir com insistência? Não foi ele que disse: "Se a fé de vocês fosse ao menos do tamanho de um grãozinho, mandariam uma árvore se arrancar e plantar-se no mar e ela obedeceria?" A catequese de um mundo sacral que não existe mais apresentou Deus como o Pai que resolve tudo para as suas criancinhas totalmente dependentes. O que acontece aqui embaixo é Deus agindo naquele momento, produzindo diretamente o efeito bom que edifica ou o efeito mau que não entendemos e explicamos como a escrita certa em linhas tortas. Sentimos bem, na qualidade de crianças confortavelmente protegidas e irresponsabilizadas pelas maldades em redor. Mas o Apóstolo recomenda: "Deus não nos deu o espírito de fraqueza e sim de coragem, amor e disciplina". Fraqueza — condição da criança que ainda precisa ser protegida. Coragem de assumir livremente a condição humana em todas as suas grandezas e misérias. Saída adulta das trincheiras de si mesmo e engajamento na execução dos planos de Deus. Fé não são queixumes mas certeza que o Reino de Deus há de vir: na medida em que nos sentirmos, em nosso lugar, a ação de Deus transformando o mundo.

1. CANTO DE ENTRADA

(a partir de hoje e durante os próximos 3 meses, as músicas da celebração são do compacto *Missa Ser Presença*, da Ir. Miria Kolling — Gravação especial da Sono Viso).

Hoje cantando vamos a ti, ó Senhor,
És tu a nossa alegria, és tu o nosso tesouro,
Toda riqueza da terra nada vale pra quem te encontrou.
Senhor, aqui vim buscar
O amor que aos irmãos levarei.
Vou caminhando, sou peregrino do amor,
Quero ser tua presença, testemunhar tua vida,
Anunciarei o teu reino, pra que os outros te encontrem também.

2. SUGESTÕES PARA O ATO PENITENCIAL

O profeta diz que, em meio às misérias e desencontros do mundo, há uma visão de prazo marcado para aparecer: a chegada de Deus na história dos homens. Quem não tiver o coração reto vai sucumbir no mar do materialismo circundante e desistir da esperança. O homem de fé vai guardar a esperança: suportar os sofrimentos mantendo o bom depósito da palavra de Deus, como ensina o apóstolo. Na consciência sempre lembrada de que o aparecimento do Reino de Deus é

resultado do esforço daquele que, mesmo cumprindo o seu dever, se reconhece servo indigno de Deus. A idéia de merecimento ou pagamento tem que ser abandonada em nossa aproximação a Deus. Você ainda pensa que, com práticas religiosas, está comprando a Deus?

3. CONFISSÃO DOS PECADOS

4. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

Glória a Deus no mais alto dos céus!
Glória a Deus nosso Pai, seu poder nos criou,
Sua bondade sem fim, seu amor nos salvou.
Glória a Cristo, seu Filho, que nos resgatou,
Por nós deu sua vida e ressuscitou.
Glória ao Espírito Santo que nos confirmou,
Dom do amor de Deus Pai que Jesus nos mandou.

5. ORAÇÃO

Ó Deus eterno e todo-poderoso, que nos concedeis no vosso imenso amor de Pai mais do que merecemos e pedimos, derramai sobre nós a vossa misericórdia, perdoadando o que nos pesa na consciência e dando-nos mais do que ousamos pedir.

6. I LEITURA

Em meio aos desencontros do mundo, uma visão está para aparecer e não falhará: o Reino de Deus, cujos braços somos nós.

Hab 1,2-3; 2,2-4: "Até quando, Senhor, clamarei a vós e não me escutais? Até quando clamarei: Violência! e não me escutais? Por que me mostrais o espetáculo da iniquidade e vós mesmo contemplais esta desgraça? Só vejo diante de mim opressão e violência, concorrência e maldade". O Senhor respondeu-me assim: "Grava esta visão e escreve-a em tabuinhas, para que possa ser lida por todos. Há ainda outra visão que está de prazo marcado; ela se aproxima com rapidez e não falhará. Mesmo que demore, fica esperando porque ela não falhará e vai acontecer com toda certeza. Quem não tiver o coração reto vai sucumbir, mas o justo ficará vivo por causa de sua fidelidade". — Palavra do Senhor.

7. II LEITURA

Pela tua fidelidade e engajamento nas lutas do Reino de Deus, mantém viva a chama da fé e da esperança que se acendeu no teu batismo.

2Tim 1,6-8.13-14: "Caríssimo, peço que te lembres de conservar vivo o dom que Deus te deu, quando impus minhas mãos sobre ti para dedicar-te ao serviço do Senhor. Deus não nos deu o espírito de timidez mas de coragem, de amor e domínio próprio. Por isso não te envergonhes de dar o teu testemunho do Senhor Jesus. Também não te envergonhes de mim, porque estou preso por causa dele; antes enfrenta comigo os sofrimentos por causa do evangelho. Continua a guardar as verdadeiras palavras que eu ensinei como exemplo para seguires. Fica firme na fé e no amor de Jesus Cristo. Na força do Espírito Santo que vive em nós, guarda as boas coisas que foram entregues a ti". — Palavra do Senhor.

8. CANTO DE MEDITAÇÃO

No silêncio do coração, o Senhor faz ouvir a sua voz,
Onde iremos senão a ti? Pois só tu tens palavras de amor.
Quem ama a Deus guarda sua palavra que compromete o seu viver.
Sua palavra não volta ao Pai sem ter cumprido sua missão.
A boa-nova que hoje ouvimos anunciaremos aos irmãos.

9. III LEITURA

Após termos cumprido as exigências da fé, ainda somos servos indignos; a idéia de pagamento deve ser abandonada em nossa aproximação a Deus.

Lc 17,5-10: "Os apóstolos disseram ao Senhor: 'Aumenta a nossa fé!' Disse o Senhor: 'Se vocês tivessem a fé do tamanho de um grãozinho de mostarda, diriam a este sicômoro: 'Arranca-te daqui e te planta no mar!' e ele obedeceria a vocês. Façam de conta que um de vocês tem um empregado que trabalha na lavoura ou cuida das ovelhas. Quando ele volta do campo, será que vai dizer: 'Vem logo, senta aqui na mesa!' ou dirá: 'Prepara a janta para mim, põe o avental e me serve enquanto estou comendo. Depois então podes comer e beber?' O patrão ficará devendo favor ao empregado só porque ele fez a sua obrigação? Assim também vocês: quando tiverem feito tudo o que é pra fazer, digam: 'Somos servos indignos e fizemos apenas o que era da nossa obrigação'. — Palavra da salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

11. SUGESTÕES PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS

Depois de termos feito tudo o que as conseqüências da fé cristã pedem de nós, ainda somos servos indignos, no sentido que é impossível alegar merecimento ou

presumir comprar a amizade de Deus. Não existe pagamento para Deus nem Deus se deixa comprar ou subornar por orações ou boas obras. Oração é, mais do que pedido, contato interior com Deus, que fortalece para enfrentar a luta cristã de ir sempre transformando tudo isso em Reino de Deus.

- Para que entendamos a fé como participação no trabalho da Igreja.
- Para que descubramos que ser cristão é ser no mundo a pessoa de Cristo.
- Para que não desanimemos com as violências do mundo e guardemos a esperança.
- Para que a esperança cristã se transforme em nós em força de trabalho pelo Reino.
- Para que nossa oração seja pedido a Deus de força interior para o trabalho.
- Para que nossa oração não se perca em peditórios infantis.
- Para que entendamos oração como conformidade ativa com a vontade de Deus.

12. CANTO DO OFERTÓRIO

Ó tu, que és o Senhor da vida,
Recebe em tuas mãos a minha vida.
A tua oferta nos dá coragem de nos doar-
mos para servir.
No dia-a-dia, em ti buscamos a força que
nos sustenta.

A tua graça nos ilumina, fiéis seremos
ao teu amor.

13. ORACÃO SOBRE AS OFERTAS

Acolhei, ó Deus, nós vos pedimos, o sacri-
fício que instituístes e, pelos mistérios
que celebramos em vossa honra, comple-
tai a santificação dos que salvastes.

14. CANTO DA COMUNHÃO

Vem, ó Senhor, dá-me tua vida,
Pois sei que em mim queres viver e amar.
Vem, ó Senhor, sê minha força
Pois só contigo saberei lutar.
Em tua vida tanto amaste, que morreste
por amor,
Quero ser teu evangelho, ser presença do
Deus Salvador.
Em tua vida só serviste a teu Pai e aos
irmãos,
Quero viver a teu serviço, por teu Reino
de amor trabalhar.
Em tua vida tu sofreste e assumiste a
nossa dor,
Que eu entenda em minha vida, que o
sofrer é também redentor.
Em tua vida perdoaste, deste a mão ao
pecador,
Que teu exemplo me ajude a também per-
doar o irmão.
Em tua vida abençoaste e fizeste só o
bem,

Que eu revele tua bondade, onde quer que
eu esteja, Senhor.

15. ORACÃO FINAL

Possamos, ó Deus onipotente, saciar-nos
do vosso pão e inebriar-nos do vosso vi-
nho, para que sejamos transformados na-
quele que agora recebemos.

16. CANTO FINAL

Quero ouvir teu apelo, Senhor,
Ao teu chamado de amor responder,
Na alegria te quero servir
E anunciar o teu Reino de amor.
E pelo mundo vou, cantando o teu amor,
Pois disponível estou, para servir-te,
Senhor.
Dia a dia tua graça me dá,
Nela se apóia o meu caminhar,
Se estás a meu lado, Senhor,
O que então poderei eu temer?

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Gál 1,6-12; Lc 10,25-37 /
Terça-feira: Gál 1,13-24; Lc 10,38-42 /
Quarta-feira: Gál 2,1-2.7-14; Lc 11,1-4 /
Quinta-feira: Gál 3,1-5; Lc 11,5-13 /
Sexta-feira: Gál 3,7-14; Lc 11,15-26 /
Sábado: próprias.

LEVE A FOLHA PARA LER EM CASA

PARA A SUA REFLEXÃO:

Pode deixar que papai do céu vai construir seu reino

É conhecido aquele teste psicológico de reação das pessoas a uma briga de rua: umas correm para longe e outras correm para perto. Os que correm para longe procuram se refugiar. Dos que correm para perto, uns ficam como espectadores, outros atacam a briga a fim de se divertir e outros tentam apartar e fazer as pazes. Joãozinho, quando viu a briga, correu para casa e refugiou-se no colo do pai. Joãozinho é ainda criança.

O profeta Habacuc vitupera hoje contra a violência que acontece aos olhos de Deus e Deus parece que nem está vendo: "Por que é que reclamo contra a violência e parece que nem me escutais? Por que me mostrais o espetáculo da maldade e vós mesmo ficais assistindo a essa desgraça?" Até aí o profeta desabafou como criança buscando o colo de Deus e, em seguida, descobriu outra opção: "A visão de paz está de prazo marcado para chegar; espera que ela virá com toda certeza".

É próprio da criança não ter opções porque só tem a saída única que os sentimentos produzem. É próprio do adulto o leque de possibilidades que ele escolhe na base da informação e do cálculo. Os sentimentos, as primeiras reações espontâneas e as saídas únicas constituem o natural da personalidade infantil. A busca de informação, a transformação das informações em pensamento lógico e o emprego do pensamento lógico para criar a própria vida são próprios da idade adulta.

As grandes dimensões pra que fomos criados encontram-se na idade adulta: quem lá não chegou construiu apenas os alicerces. Principalmente no terreno religioso, é comum

a pessoa ficar a vida toda carregando uma criança. E assim existe muita gente que, na profissão, é adulta e realizada e, na religião, é apenas criança: transporta aos quarenta a bagagem religiosa infantil de verdades, meias-verdades e inverdades que, em vez de tornar livre o adulto, sobrecarrega e confunde. Cristo libertador é então apenas um Júpiter qualquer ameaçador.

Algumas notas são características do infantilismo diante da religião: É próprio dele precisar de refúgio e proteção. Contar com forças maiores que vão resolver os problemas. Pôr sempre fora a causa dos males que acontecem. Ficar esperando que as coisas melhorem em função de influências que estão longe. Deslocar de si para outros pólos o poder de decisão e mudança. Atribuir efeitos mágicos de transformação a práticas religiosas "misteriosas". Enfim, vontade de superproteção, em vez da consciência de sair para arriscar-se no trabalho de transformação de si mesmo e do mundo.

Como cristãos, fomos colocados num mundo violento. Nele fomos colocados para sermos semente, fermento, luz, pequeno rebanho do Reino de Deus. Reino de Deus no mundo vai existir em função dos nossos esforços, não acontecerá milagre para produzi-lo. Se o mundo não fosse doente, não havia necessidade nem de Cristo nem de cristãos. Ante a violência do mundo, pouco adianta a atitude dos Joãozinhos e dos Joãozões correndo da luta e se refugiando infantilmente no colo da superproteção. Não é fora de propósito lembrar que o colo que Cristo encontrou para se deitar foram dois pedaços de madeira.